

**Antonio Carlos Diegues**

**Organizador**

Enciclopédia

# CAIÇARA

**Volume IV**



**História e Memória Caiçara**

**EDITORA HUCITEC - NUPAUB-CEC/USP**

© da organização, 2005, de Antonio Carlos Sant'Anna Diegues.

© direitos de publicação, 2005, do  
Núcleo de Apoio à Pesquisa Sobre Populações Humanas  
e Áreas Úmidas Brasileiras (NUPAUB/USP)  
Rua do Anfiteatro, 181 - Colmeias, Favo 6 - 05508-060 - São Paulo, Brasil  
Telefones: 55 11 3091-3307, 55 11 3091-3142, 55 11 3091-3089 e 55 11 3091-3425  
E-mail: nupaub@org.usp.br Home-page: www.usp.br/nupaub

Centro de Estudos Caiçaras - CEC  
Rua XV de Novembro, 150 - 11920-000 Iguape, SP, Brasil  
Telefone: 55 13 3841-2478

em co-edição com  
Aderaldo & Rothschild Editores Ltda.  
Rua João Moura, 433 - 05412-001 São Paulo, Brasil.  
Telefone: 55 11 3083-7419  
Atendimento ao Leitor: 55 11 3060-9273  
E-mail: lerereler@terra.com.br Home-page: www.hucitec.com.br  
Depósito Legal efetuado.

Apoio: Fundação Ford

Preparação dos originais: Paula Nascimento da Silva.  
Revisão dos originais: Benedito Machado, Fernanda Moraes e Francisca Figols  
Foto da capa: Comissão Geographica e Geológica, 2ª ed. 1919

USP - ESALQ DIVISÃO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTAÇÃO
Data: 03/02/06 Proc: d- NUPAUB/USP R\$: 40,00 Req:
No. 2301.34 Vol. 4 Cham. E56 Ex.

CIP-Brasil. Catalogação-na Fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

E46  
v.4

Enciclopédia caiçara, v.4 : história e memória caiçara / organizador  
Antonio Carlos Diegues. - São Paulo : Hucitec : Nupaub, 2005.  
465p. : il. - (Ecologia e cultura ; 9)

ISBN 85-271-0690-7

1. Pescadores - Brasil - Condições sociais. 2. Pescadores - Brasil - Usos e costumes. I. Diegues, Antonio Carlos Sant'Anna, 1943-. II. Universidade de São Paulo. Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras. III. Título: História e memória caiçara. IV. Série.

05-3760

CDD 305.560981  
CDU 316.344.25(81)

# HISTÓRICO DA PESCA NAS COMUNIDADES ENSEADA DA BALEIA E VILA RÁPIDA, PARQUE ESTADUAL DA ILHA DO CARDOSO, CANAÉIA, SP

ENTREVISTADO

Antônio Malaquias Cardoso,  
morador e pescador da comunidade Enseada da Baleia

ENTREVISTADORES

Nivaldo Nordi,  
professor-adjunto, Departamento de Hidrobiologia, Universidade Federal de São Carlos  
Thaís Almeida Cardoso,  
bióloga, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais,  
Universidade Federal de São Carlos  
Maria Angélica Beccato Barbosa,  
bióloga, mestranda do Curso de Ciências da Engenharia Ambiental,  
CRHEA-EESC/USP-São Carlos

LOCAL

Enseada da Baleia, ilha do Cardoso, SP

DATA

julho de 2001.

O histórico da pesca nas comunidades Enseada da Baleia e Vila Rápida foi baseado em entrevistas realizadas durante a execução do projeto: “Bases Informais Para a Regulamentação Pesqueira no Parque Estadual da Ilha do Cardoso”, desenvolvido pelo Prof. Dr. Nivaldo Nordi e pelas colaboradoras, Thaís Almeida Cardoso e Maria Angélica Beccato Barbosa e financiado pelo CNPq.

As entrevistas que viabilizaram a construção do histórico foram realizadas em julho de 2001, com Antônio Malaquias Cardoso, o mais antigo morador e pescador da comunidade Enseada da Baleia. O Sr. Malaquias e a sua esposa dona Herci são irmãos adotivos, que se mudaram para essa região com seus pais quando crianças. O pai deles era pescador e também chefe de uma grande família. Os filhos, desde pequenos, faziam todo tipo de serviço e, conforme foram crescendo, se mudaram para outras cidades. O Sr. Malaquias casou-se com dona Herci e, com o falecimento do pai, herdou um barracão de processa-

mento do pescado, permanecendo na Enseada da Baleia. O casal teve seis filhos: dois mudaram-se para Cananéia, sendo um deles guarda-parque do Parque Estadual da Ilha do Cardoso, os outros quatro casaram-se e permaneceram na comunidade junto dos pais, com suas respectivas famílias. O Sr. Malaquias montou no local uma mercearia e, além de vender os produtos básicos que são de difícil acesso para as comunidades próximas, passou a comprar o pescado dos pescadores artesanais da região. Com ajuda da família ele beneficia uma grande parte da produção para vender em Cananéia e em Paranaguá. Através desse pequeno comércio, o Sr. Malaquias conseguiu gerar uma certa renda, montou uma pousada e comprou duas embarcações a diesel, favorecendo ainda mais o comércio de peixes. Hoje ele é um importante comprador da região e também financiador de artefatos de pesca para os pescadores locais.

As comunidades Enseada da Baleia e Vila Rápida estão localizadas ao sul da ilha do Cardoso, numa estreita faixa de restinga banhada pelo oceano Atlântico ao leste e pelo canal estuarino a oeste. Na mesma latitude desses povoados, porém em terras continentais, está o Parque Nacional do Superagüi, no estado do Paraná. A comunidade da Enseada da Baleia é formada unicamente pela grande família do Sr. Malaquias. Todos os homens da família, filhos e genros, são pescadores. As mulheres são responsáveis pela organização da casa e educação dos filhos. Ao todo são vinte e uma pessoas na comunidade. Grande parte dos moradores possui cômodos utilizados para locação, no período do verão, e barcos motorizados, facilitando a pesca e a comercialização dos peixes. A técnica de pesca mais utilizada pela comunidade é a de cerco fixo, voltada para a pesca da tainha. Apenas dois pescadores dessa comunidade praticam a pesca da manjuba, porém não a utilizam como principal atividade.

A comunidade da Vila Rápida é formada por duas famílias, uma constituída de seis irmãos, com as respectivas famílias, e outra formada por casal e quatro filhos. As construções apresentam forma bastante simples, a maioria com muitos habitantes em poucos e pequenos cômodos. A pesca é a atividade econômica da maioria dos moradores; apenas uma família possui casa simples de aluguel para turistas, e dois outros moradores trabalham de caseiros em residências de turistas. A pesca da manjuba é a principal atividade local. Os moradores não possuem barcos a motor, utilizando somente canoas. Além da pesca da manjuba, foi observada a pesca do cerco fixo realizada por apenas uma família da comunidade.

A denominação dos vilarejos estudados foi dada pelo fato de ter encalhado uma baleia na praia, em frente das casas dos moradores da comunidade Enseada da Baleia, e pelo rápido crescimento da comunidade da Vila Rápida. As duas comunidades estão situadas muito próximas, numa distância de aproximadamente 1 km. Enseada da Baleia e Vila Rápida são constituídas por um pequeno número de habitantes, cerca de cinquenta moradores tradicionais, ao todo; há elevado grau de parentesco entre eles, característica típica de pequenas comunidades de pescadores que vivem em relativo isolamento. As parcerias pesqueiras são feitas no âmbito da família, sendo comum a participação, desde cedo, dos filhos nas pescarias como auxiliares e aprendizes.

A pesca é a principal atividade econômica realizada nas duas comunidades, mas privilegiando técnicas e espécies de peixes diferentes. No geral, as técnicas mais utilizadas são o cerco fixo e as redes para diversas espécies de peixes.

O turismo é atividade ainda incipiente nas comunidades estudadas, possivelmente pelo fato de a vegetação preponderante nessa região da ilha ser a restinga baixa, que, geralmente, não agrada esteticamente aos turistas. O turismo nessa região ocorre preferencialmente no período do verão e, geralmente, é realizado por pescadores amadores que buscam a proximidade da barra para a pesca marinha.

O isolamento parcial dessas comunidades, em virtude da distância de Cananéia, da dificuldade de transporte, restrito a pouquíssimos barcos a motor, e do pequeno contato com pessoas de outros lugares, proporciona-lhes uma visão diferente de mundo. A ilha passa a ser o limite físico habitual e a separação de um mundo desconhecido, visto apenas pela televisão. Nessas comunidades, a paisagem conhecida é basicamente a ilha, dificultando a visualização geográfica do espaço fora desta. O que é identificado em frases como: "e a Bahia. . . ela fica pra cima ou pra baixo".

A religião da grande maioria dos habitantes é a católica. Muitos moradores da comunidade da Enseada da Baleia são praticantes das obrigações religiosas, liderados principalmente pelo patriarca da família; na comunidade da Vila Rápida foi observada, comparativamente, menor participação em rituais religiosos. Existem cultos realizados todos os domingos, regidos pelos próprios moradores; uma vez por mês as comunidades recebem a visita de um padre da cidade de Cananéia. Os cultos servem também como forma de integração entre as comunidades, prolongados geralmente por confraternização entre os moradores.

Os pescadores apresentam, no geral, baixa escolaridade, que dificilmente ultrapassa o nível básico. A escola presente na comunidade oferece apenas o ensino básico e poucos saem da ilha para continuar os estudos em Cananéia, principalmente pelas dificuldades financeiras. No caso dos filhos homens, também contribui para a baixa escolaridade o fato de eles serem introduzidos na pesca ainda muito jovens.

#### BIOGRAFIA

*Eu sou lá do Superagüi, do Paraná. Então eu cheguei aqui com dez anos de idade, minha esposa também era filha de criação do Ariano, ela, eles trouxeram com um ano e seis meses lá do Superagüi também, de lá de onde eu nasci também, lá perto, só que nós não somos parente, só somos parente porque crescemos junto, é de outra família de longe, mas nos criaram, eles casaram velho e nos criaram, então fomos crescendo e eu fui aprendendo a pesca junto com os outros irmãos de criação porque eles trabalhavam só na pesca, o Ariano era só na pesca que ele trabalhava. Quem morava aqui na época do meu pai de criação era só ele e os filhos deles, nesse mesmo lugar. Mais pra frente um pouco [direção do Pontal] perto dos coqueiros, ali morava os pais da Teresinha [muller do Jorge] e dos pais dos pescadores da Vila Rápida.*

Eles moravam ali do lado de lá, tinham a lavoura ali e tinham o rancho de pescaria aqui, a casa coberta de palha, guaicano. Então eles trabalhavam na lavoura ali e aqui tavam pescando, aqui era o lugar que dava o peixe, porque pra lá era uma dificuldade trabalhá de pesca.

#### A PESCA

Eu aprendi a pescar com meus avós, vendo assim as pessoa, porque eu era uma pessoa que sempre tava junto assim das pessoa, gostava já de tá ajudando e olhê um cabinho, uma canoa. Esgotá uma canoa, quer dizê tirá a água de dentro, carregá um peixinho, de acordo com a possibilidade da gente. Com esse tipo de trabalho que era pequeno. Só que eu era forte quando eu era pequeno, então a gente ia aprendendo. Depois eu cheguei aqui [ilha do Cardoso] com dez anos de idade.

Aquí tinha mais rancho de pesca antigamente, rancho de pessoas que pescavam, nessa época da tainha todo mundo do lado de lá do Ararapira quem morava, quem era pescador, também vinham pra cá porque nessa época dava tainha na costa, muito peixe que entrava rio adentro, que entrava pela barra, nessa época dava muita tainha aqui, mês de maio, junho, era o mês da pescaria.

#### A PESCA DE CERCO

Já, colocavam cerco, sempre. Naquela época a gente produzia peixe quase mais quantidade era vendido em Cananéia e outro tanto era levado para Iguape em canoa a remo, três dias para ir e voltar, mais ainda. Ponho cerco há trinta e cinco anos, mas já trabalhei de tudo desde os oito anos.

Aprendi a montar cerco com meu irmão Antônio Florentino. Ele aprendeu com um mestre cerqueiro de Andrade, que chamava Antônio Martins.

Antes todo mundo fazia cerco, mas não apanhava tanto peixe porque o beneficiamento não era bem feito. Tem que ser um ponto bom. Onde assenta o cerco fica aterrado, cheio de galho. Nem todo lugar se assenta o cerco. Esses pontos são pontos que dão peixe e que é fácil de montar porque a lama é mole e é fácil fincar a madeira. Pra montar o cerco tem que ser na maré parada pra vazante. Pra despesca é na parada da maré, de vazante pra enchente.

O número de cercos vai diminuir. Não tem mais material por aqui. Quase não tem mais taquara. Agora o pessoal tá comprando em Cananéia, mas o custo do transporte é muito alto.

#### A PESCA DA MANJUBINHA (IRICO)

Já, já, pescava manjuba também. Inclusive, já falei da fábrica de peixe seco, falei? Então, nós tínhamo uma fábrica de peixe seco aqui na época, fábrica de secagem de manjuba, era sociedade com três japoneses de Registro. O Takeda, o Wasan e o Nishisava, mandaram fazer uma casa grande aqui de alvenaria. Porque na época tinha muitas função, tinha sardinha, tinha essa manjuba [o irico], muita sardinha e tinha outros peixe também que dava em quantidade,

então nessa época foi formando, fiseram essa casa, depois fiseram uma estufa motorizada tudo lá dentro. Isso fas uns quarenta e cinco anos.

Ah, pesquei manjubinha por vários anos. Desde o fiscal Magalhães, cês não conheceram, mas era um fiscal muito rigoroso aqui na região, ele prendia a rede da turma, prendia, levava, mandava queimá. Já faz uns dez anos, nessa faixa. Depois dele ficou esta fiscalização, mas esses daí já não prejudica muito o pescador.

Essa pesca acabou porque foi diminuindo, o povo também foi se afastando pra cidade. Os filho do meu pai de criação, o Valeriano, alguém já foi encaminhando porque foi fracassando a pesca. Até um certo tempo teve bom, depois ela foi fracassando, fracassando. Ai o povo foi cada um pegando seu destino. Nessa época nós levávamos a pescaria de canoa a remo pra vender lá em Iguape, pra de lá trocar com mercadoria pra trazer até aqui, era só trocado, nem dinheiro a gente via, só chegava lá trocava com mercadoria pra trazer para alimentação. Antes era tudo trocado porque dinheiro, muito pouco via, a mercadoria nossa não tinha valor.

Essa comercialização de produtos nossos da fábrica, que nem a sardinha, a manjubinha, era encaixotado e levado pra Registro porque lá eles transportavam pro Japão, a maioria japonês, que cê sabe eu conheci a cidade de Registro quando não tinha nada ainda, quando eu tinha doze anos de idade eu viajava pra lá com meu irmão, ele gostava de me levá pra passear, ele ia fazer os negócio dele e a gente ficava dois, três dias, levava aquelas, naquela época da fábrica que eu tô falando pra você já tava adiantando um pouquinho que a gente já tinha canoa a motor, tinha motor penta, motor envirude, motor aque-mides, essas marcas da época, nós já tinha, eles já tinham aqui, já era mais vantagem, antes pegava a canoa a motor grande e a gente carregava tudo de caxaria, tinha caixa dez, quinze quilos, tudo forradinho com papel impermeável, tudo aqueles papel fino.

No tempo que eu cheguei aqui já tinha essa produção. Então eu cheguei aqui ia completar dez anos e estou com sessenta, então faz cinqüenta anos, que eu trabalhei dois anos fora, eu ia completar dez, trabalhei dois anos em Parana-guá, que eu casei em Parana-guá com dezesseis anos, trabalhei numa firma lá, construí uma casinha lá, depois que o velho trouxe novamente eu pra cá. Quando ele me trouxe pra cá foi que eu continuei minha vida aqui novamente trabalhando com meus irmão de criação outra vez. Então essa produção que nós produzia o irico e a sardinha.

#### A PLANTAÇÃO

Aquí não tinha plantação, não. Plantação era do lado de lá só. Todo mundo tinha roça aí, até o Ararapira, todo mundo que morava pra lá, que tinha bastante gente, um aqui outro lá, sempre no mês de outubro eles plantavam aquela roça que era tempo, fazia a queima das roça né. Roçava em setembro e em outubro fazia a queima pra fazer a plantação de feijão, rama, milho, plantava até roça de arroz, nesses baixio, nhacatiri, plantava arroz, nesses lugar de

chareo. Então era esses tipo de trabalho que a turma usava naquela época. Mas naquele tempo além da produção que tinha, ainda eu acho que era mais difícil que agora. Porque no nosso lugar num tinha ninguém que tinha teto, uma casa dessa era tudo coberto de palha, ninguém tinha móveis, ninguém tinha fogão. Era difícil tudo. Apesar da dificuldade que a gente passa aqui hoje, mas todo mundo já tem sua casinha, temos condição melhor de vida, com sacrifício mais sim. E não tem nada, você sabe que quando eu cheguei aqui, a riqueza do peixe que eu vi aqui pra agora é completamente zero, mas a turma sempre com sacrifício ainda consegue uma coisinha.

#### O COMÉRCIO

Eu montei o barzinho porque foi o seguinte: eu trabalhava com meu pai de criação, era encarregado do serviço do meu irmão Antônio Florentino que era o chefe, depois dos irmão, são vários irmão, são doze, eles trabalhavam na pescaria mas moravam um pouco aqui e um pouco em frente o Ararapira lá, tinham um barracão grande com cobertura de palha, então duas família morava lá e trabalhava na pesca também. Então eu convivi com ele depois fiquei aqui, trabalhava com quatro, daí o meu irmão era que era o chefe de tudo. Daí o nosso pai de criação estava completamente adoecendo na cama,tava muito velhinho, então ele praticamente era um dos irmão que ainda convivia ainda aqui junto. Mas sabe tem aquelas coisas de irmandade, naquelas época tinha muito atrito entre eles, porque um quer mais, não podiam trabalhar junto então fiquei eu como sendo encarregado do trabalho do meu irmão, do Antônio Florentino, trabalhava com os outro camarada, até esse rapaz que chegou aí agora era um dos que trabalhava com nós [Arlindo Neves], trabalhava comigo com os irmão dele, então na época foi o seguinte, o Florentino tinha um comérciosinho. Aí ele foi embora pra cidade, não pôde mais trabalhá aqui porque eu já me disentendi com ele no trabalho, porque o meu pai quando a gente trabalhava junto, ele sempre dizia pra mim, oh você Antônio, me chamava de Antônio, Malaquia é apelido, você sempre meu filho vai se cuidando pra fazer alguma coisa pra você, porque futuramente cê precisa de alguma coisinha, porque se você vai trabalhá de parte de quinhão cê não vai conseguí nada com o Antônio (que era o filho dele legítimo) ele dizia sempre pra mim. Daí ele foi e comprou uma canoinha pra mim, pra eu ter uma embarcaçõzinha, canoa a remo, e depois ele me ajudou a comprar uns fios e a gente fez uma redinha à mão. Antigamente a gente fazia à mão, eu e minha esposa, tudo nós tecia. Rede de arrasto pra pegá pescada, parati, tudo tipo de peixe. Era diferente de hoje. Então foi assim que eu comecei. Depois que ele saiu aí eu fiquei trabalhando, os camarada que trabalhava com ele também logo saiu porque não se deram com ele, ele também já usou muita bebida. E a pessoa quando tá com a bebida já fica meio agressivo, algumas pessoas. Eu saí do serviço que era encarregado e como eles não se adaptaram bem, então. Eu trabalhei com os meus filho, o Jorge já tava com oito anos de idade, o Toninho já com sete ano, quase sete ano, o Dito também, os maiorzinho já dava pra me ajudá no trabalho e eu já tinha

minha rede, já tinha minha canoa, então eu já saía procurando, porque eu já tinha prática no trabalho, sabia tudo, aprendi tudo da profissão, cercá o peixe, cercá o cardume onde tava, isso tudo é a prática da gente que vale muito. Aí então eu sai deles e aí comecei a pescá pra mim, e comecei a vender aqui, escalava o meu produto, secava no sol e vendia aqui em Ararapira, tinha um comerciante chamado Ari, ainda é vivo até hoje, trabalhava com comércio, então eu levava meus produto vendia pra ele, depois eu já fui pensando com a mulher acho que vamos fazer um comérciosinho pra nós, pescamos o produto, compramos dos pescador que tão por aí e vamos vendendo pra Cananéia, e ele também já era de Cananéia, o Florentino ele me orientô, então cê monta uma vendinha aí pra você vai começando uma coisinha aí, vai me trazendo aqui que eu faço a venda do produto pra você. Que nós fazíamos a venda do nosso produto pra Registro, os japonês ali, fazendeiros, que quando começou ali na cidade de Registro mais era fazenda de chá, chá preto, ainda existe até hoje. Então foi anssim que eu comecei a minha venda, aí eu fui começando meu comércio, trabalhava na pescaria, trabalhava dia e noite, tinha saúde, quando a maré tava boa, a época tava boa, ficava pescando direto, ia duas, três vezes pro mar trabalhar e minha esposa tava beneficiando os peixe, ela escalava os peixe, quando tinha muito chamava outras pessoa pra ajudá ela e eu sempre conseguindo, comprava e foi assim que fomo conseguindo a vida até hoje estou nesse ramo. Um ramo sacrificado mais isso já é costume de muitos ano, então a gente vai agüentando.

No verão dá mais, porque aí eu me mantenho aqui com o salão de refeição daí eu me mantenho mais, aluga a casa da gente. Nessa época entra um pouco mais de dinheiro, mas não entra muito, porque o movimento é meio fraco, não é que nem no Marujá que vive só do turismo, um lugar que o turismo é forte bem organizado, bem situado.

Pra nós aqui mesmo, o turismo começou, faz uns cinco anos que começou, faz pouco tempo.